

O Rio Açú

Por M. Rodrigues de Melo
(Natal, Rio Grande do Norte).

Ó velho conhecido meu, há quatrocentos anos quando rolavas por aqui, imenso e furioso, em vez do homem civilizado de hoje, vias, por certo, o ameraba bravio e nú, brandindo o arco retesado e destro contra as gaivotas e as jaçanãs!

Nascestes na Serra do Bonga, na Província da Paraíba; e de lá vens descendo por leitões apertados, rolando, bramindo, gemendo, ora correndo em boqueirões espaçosos e amplos, ora passando espremido, em gargantas e goelas estreitas, com o nome de **Piancó**.

Vens descendo rumoroso e violento. De todos os penhascos circundantes, de todos os grotões abruptos, das lajes frias que vertem lágrimas, recebes, de gota em gota, milhares de litros d'água que vêm juntar-se à tua caudal imensa.

Abaixo da cidade de Pombal, pela esquerda, sentes de repente um braço que se junta ao curso inicial. É o simpático **Rio do Feixe**. Ai, perdes, o nome primitivo. Maior do que antes, impellido por uma força nova que te arrasta, corres "num vale estreito que marca o limite das bacias gêmeas do teu curso superior até te alagares, novamente, para a direita, com as bacias da zona do **Seridó**".

Continúas em marcha acelerada e lenta "solapando os contrafortes do planalto" para receberes adiante os riachos Jericó e Porcos. Depois de acolheres o **Seridó**, te acotovelas em paredões estreitos e dás, de um modo violento e brusco, uma barroada na Serra de Santana, esboroando a milenária cadeia serrana, para tomares em seguida, até a embocadura, no oceano, o nome sugestivo de **Açu**.

Mais abaixo, perdes a unidade primitiva. Lanças-te violentamente por dentro do vale, abrindo novos cursos menores, para chegares ao Mar dividido em três braços, quando sei que o teu desejo maior seria chegar unido e indivisível.

Ó velho conhecido meu, como és bom e generoso! Em vez de saciares o teu egoísmo, preferes beneficiar a terra, distribuindo as tuas águas pelas suas entranhas ubérrimas. Como é louvável a tua ação! Como deve ser grande a estima que os homens te dedicam! Quem poderá medir a gratidão dos agricultores para contigo! Quem disse que os modestos pescadores falam de ti? O que dizem de ti as heróicas lavadeiras que moram às tuas margens? E os meniños que nasceram e se criaram se banhando nas tuas águas? Que dizem eles de ti? Falarão de mal ou de bem? A muitos viste nascer. A outros socorreste com a água criadora e fecundante. A outros, porém, preferiste martirizar e empobrecer. Quão caprichoso é o teu destino de Rei! Ora socorres com prudência, com tino de governante experimentado, as populações do vale, ora afliges com castigo longo e cru, impiedoso, derribando casas, afogando a lavoura, dizimando os rebanhos, levando a orfandade e a viuveza aos lares pobres, arruinando a população inteira. Contudo, ninguém maldiz a tua passagem avassaladora. Ao

contrário, quando tardas a vir, aquêles que moram nas tuas bordas começam a pungir a atua ausência desejosos da tua presença acariciante. Se demoras demais, e as terras já estão secas, e um supúcio para aquela gente simples e boa. Não é somente o homem que te ama e te admira. O gado no seu taro instintivo sabe apreciar o valor e a importancia da tua presença. Deves ter em lembrança. Quando embicas a tua cabeça mole e chata, no leito tofo do Baixo-Açu, o gado corre ao teu encontro inesperado. Os meninos, os nomens, as mulheres, vão ver a tua passagem, colocando marcas (pauzinhos enfiados no chão), para ver se enches ou vazas. Os agricultores das vazantes te saudam, arrancando as pressas as batatas maduras. Todos saudam com alegria a passagem festiva do grande Rei.

Quem não te conhece, ó devotado ancião!

Os historiadores falam de ti nas suas crônicas. Uns querem que tenhas sido o primeiro visitado entre nos pelos europeus. Outros defendem para ti a gloria de ter dado o nome à Capitania. Os geólogos fazem menção à terra por onde serpenteias, há milênios. Os engenheiros estudaram a tua bacia hidrográfica. Os mareantes mencionam a enseada ou porto de **Urcinas**, já desaparecido. Os canoeiros conhecem todos os segredos do teu leito, em tempo de cheia. Ninguém, porém, sabe a tua idade. Há hipóteses somente. O que seria este vale antes da tua passagem? Seria terra ou seria mar? Haveria florestas virgens ou seria um deserto imenso?

De qualquer forma tens sido testemunha, de 1499 para cá, dos maiores episódios da nossa história regional.

Abriaste em tuas águas as caravelas de Pinzon e Hojeda. Aventureiros singraram o teu curso à procura de tesouros perdidos. Os terços de Pernambuco retalharam o teu solo em tôdas as direções dando caça ao índio bravio. São Paulo mandou Domingos Jorge Velho para rebater as investidas dos Janduí selvagens. Estêvão Velho de Moura transitou por aí percorrendo o sertão desconhecido. Fernandes Vieira mandou fundar o "Arraial", cujo nome inda conserva como uma grata recordação das velhas bandeiras coloniais. Abreu Soares construiu a "Casa Forte" para abrigo dos seus soldados e defesa contra as escaramuças dos índios. Manuel Figueiredo de Carvalho desceu do rio São Francisco vindo povoar as tuas margens com grandes fazendas de gado.

Os Pitãs da Bahia compraram terra em tôda a extensão do vale. Bernardo Vieira de Melo, Capitão-Mor da Capitania, fundou o Arraial de Nossa Senhora dos Prazeres, aldeando aí os índios Janduí.

Tudo isto assiste, ó rio velho de minha infância. De outros dramas foste testemunha, de muitos outros tens sido tu a causa. E, ainda hoje, decorridos quatrocentos anos do teu descobrimento, as coisas para ti não mudaram. Continuas sendo o Rei, mudando caprichosamente o teu curso para onde queres, expulsando a população da Várzea em tempo de cheia, matando os rebanhos, arrastando as cêrcas, destruindo, depredando enfim. Ó velho conhecido meu, como eu te admiro, como te quero bem, como sinto meu destino ligado ao teu inconsciente e fatal destino de Rei!